

# Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 3

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)



**Editora**  
**Atena**

Ano 2018

**IVAN VALE DE SOUSA**

(Organizador)

# **Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 3**

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Edição de Arte e Capa:** Geraldo Alves

**Revisão:** Os autores

#### Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L755	Língua portuguesa, linguagem e linguística 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. 3.287 kbytes – (Língua Portuguesa; v. 3)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-85107-13-0 DOI 10.22533/at.ed.130181308  1. Língua portuguesa. 2. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

E-mail: [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Esta coletânea lança luzes às diferentes reflexões que compõem os trabalhos dos mais diferentes autores/ pesquisadores que objetivam trazer para o público leitor as múltiplas maneiras e linguagens em que o trabalho com as modalidades comunicativas se inserem. Além disso, o desafio de democratizar as metodologias e as ponderações por seus autores revelam as peculiaridades com que cada um apresenta suas objeções estabelecendo conexões entre as reflexões.

Todos os dezenove trabalhos que desenham uma cartografia robusta à luz dos múltiplos conhecimentos estão inseridos em diferentes correntes e fundamentos epistemológicos, reafirmando que as Ciências da Linguagem tomam rumos diferenciados e se realizam na experiência dos sujeitos, que ora são leitores do próprio enunciado, ora são produtores do discurso.

As ações de ler, escrever, refletir e produzir aproximam as interlocuções dos trabalhos que compõem este volume, justificando que a tensa e robusta cartografia de ideias e objetivações estabelecem à obra uma qualidade diversificada. São diferentes autores que aceitaram o desafio de mostrar aos muitos interlocutores, que lerão estes trabalhos, a justificativa de demonstrar como cada um constrói, reconstrói e estabelece o caminho capaz direcioná-lo na descoberta de novas acepções da linguagem.

Não muito diferente dos objetivos inseridos em cada trabalho é a identidade que esta coletânea recebe. Comungamos do mesmo ideal de que o objetivo deste volume é revelar aos diferentes leitores e pesquisadores como o conhecimento realiza-se mediante a utilização de construção cartográfica dos múltiplos saberes que podem ser construídos no fazer e no compreender a relação da linguagem com seus sujeitos e contextos.

O cruzamento dos muitos discursos que se encontram nesta coletânea expressa nitidamente como fundamentação essencial à ampliação do processo de formação linguística e letramento de seus autores e leitores, a partir dos quatro temas capazes de estruturar o que os interlocutores encontrarão na obra: *leitura, escrita, reflexão e metodologia*.

Os objetivos que dão forma e identidade à coletânea são provenientes de diferentes contextos de utilização e práticas de trabalho com a linguagem e, nessa concepção, os autores/pesquisadores compreendem que todo e qualquer trabalho de valorização da linguagem e suas variações perpassa pela diversidade de conhecimentos na constituição de programas capazes de lançar luzes às etapas do saber.

A noção de diferença entre as reflexões não torna a coletânea um percurso incompreensível do ponto de vista reflexivo, mas, pontua a necessidade de enxergar como a linguagem efetiva-se nas diferentes teorias e práticas defendidas e apresentadas pelos autores. Sendo assim, os dezenove trabalhos que dão forma e sentido a este volume propõem um convite à leitura e aos debates dos textos servindo como acesso aos leitores de outras reflexões no estabelecimento de uma “ponte dialógica” entre

sujeito e conhecimento.

Ivan Vale de Sousa desenvolve no primeiro capítulo a discussão sobre textualidades e o ensino de gêneros textuais no contexto da educação básica, trazendo para o leitor um recorte de suas práticas de trabalho com a linguagem, além de promover frutíferas reflexões partindo de um contexto estabelecido de produção e compreensão de trabalho linguístico com o texto. No segundo capítulo, Artemio Ferreira Gomes e Marcos Antônio Fernandes dos Santos revelam as funções da leitura, escrita e criticidade tendo como *corpus* os textos de acadêmicos de um curso da Universidade Estadual do Maranhão, Campus de São João dos Patos.

Tiago da Costa Barros Macedo, no terceiro capítulo, apresenta uma proposta didática para o trabalho com a produção escrita de gêneros textuais em língua inglesa no Ensino Médio. O quarto capítulo de Aline Batista Rodrigues e Rosinélis Rodrigues da Trindade lançam reflexões acerca da dimensão discursivo-argumentativa das repetições como estratégias referenciais no gênero *redação escolar*, propondo formas de repensar o texto e seu processo de realização.

No quinto capítulo, Alyson Bueno Francisco apresenta as análises de professores-tutores e cursistas no Programa Rede São Paulo de Formação Docente a partir de um viés teórico-investigativo. Não muito diferente da proposta anterior são as reflexões propostas por Elisiane Araújo dos Santos Frazão e Veraluce da Silva Lima, no sexto capítulo, que investigam a conversação na *web* a partir da interface *Facebook*.

Eliana Pereira de Carvalho no sétimo capítulo traz a discussão de uma das obras do escritor Mia Couto em que a questão da temporalidade é discutida no romance estudado. No oitavo capítulo, Iliane Tecchio e Tairine Maia Silva pontuam as metamorfoses sofridas pelo vampiro em filmes a partir da obra do escritor irlandês Bram Stoker. Já as observações inseridas no nono capítulo de Paloma Veras Pereira e José Dino Costa Cavalcante utilizam-se da análise de um romance do escritor José do Nascimento Moraes, a partir de um olhar acerca dos excluídos na cidade de São Luís, estado do Maranhão.

No décimo capítulo, Everton Luís Teixeira e Sílvio Holanda navegam reflexivamente nas páginas de Guimarães Rosa e Eric Hobsbawn, direcionando os olhares ao confronto de visões às questões da Segunda Guerra Mundial, analisadas na ótica da leitura histórica e da ficção rosiana. No décimo primeiro capítulo, Natália Tano Portela e Rauer Ribeiro Rodrigues realizam um estudo comparativo entre um dos contos de Clarice Lispector e Alciene Ribeiro, discutem as possíveis aproximações em ambas as narrativas. O décimo segundo capítulo, Dhyovana Guerra e Thaluana Rafael Debarba Baumbach analisam bibliográfica e historicamente as relações de poder estabelecidas pelo período emancipatório de Cascavel, Paraná.

Anísio Batista Pereira, no décimo terceiro capítulo, investiga a memória discursiva nas manifestações sociais ocorridas em 28 de abril de 2017 e problematiza os efeitos de sentido produzidos a partir do entrelaçamento entre o passado e o presente materializados nos discursos. No décimo quarto capítulo, Guilherme Griesang propõe

reconstruir a historiografia a partir da memória bibliográfica sobre a ditadura na Argentina sob o viés de revisitação dos discursos.

O décimo quinto capítulo, Pamela Tais Clein analisa e aproxima o diálogo entre a literatura e o cinema no ensino de língua portuguesa tendo em vista a participação de alunos do terceiro ano do ensino médio, como experiência do Projeto Pibid. No décimo sexto capítulo, Marília Crispi de Moraes discute e analisa experiências de promoção e democratização do acesso à leitura, bem como de fomento à produção literária de grupos excluídos como forma de empoderamento e estímulo ao protagonismo social.

Ezequias da Silva Santos, no décimo sétimo capítulo, traz uma análise entre dois romances, estudando a construção das narrativas e a metaficção em uma perspectiva Neobarroca, como constituição literária das obras analisadas que são reveladas na identidade do texto e durante seu desenvolvimento. No décimo oitavo capítulo, Mariana Pinter Chaves e Ida Lucia Machado estudam e analisam as identidades das personagens na constituição da cena, respaldando-se em alguns estudiosos. E, por fim, no décimo nono capítulo deste livro, Claudia Regina Porto Buzatti aborda como centralidade a inserção da mulher com deficiência visual por meio da escrita, utilizando como *corpus* as modalidades escritas em caracteres braile e em tinta da escritora Elizete Lisboa.

Esperamos que todos os dezenove trabalhos propiciem outras reflexões e inspirem novos conhecimentos na concepção de novos leitores capazes de enxergar em cada texto uma trilha para o desenvolvimento de saberes. Sendo assim, resta-nos desejar aos interlocutores desta coletânea boas reflexões.

Prof. Me. Ivan Vale de Sousa

Organizador

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
TEXTUALIDADES E GÊNEROS TEXTUAIS NA SALA DE AULA <i>Ivan Vale de Sousa</i>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>17</b>
LEITURA, ESCRITA E CRITICIDADE: REFLEXÕES A PARTIR DE TEXTOS PRODUZIDOS POR ACADÊMICOS DO 6º PERÍODO DE LETRAS DA UEMA/CESJOP <i>Artemio Ferreira Gomes</i> <i>Marcos Antônio Fernandes dos Santos</i>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>27</b>
PRODUÇÃO ESCRITA DE GÊNEROS TEXTUAIS DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA DE ARTICULAÇÃO DAS TEORIAS LINGÜÍSTICAS DE ABORDAGEM LEXICAL E APRENDIZAGEM BASEADA EM TAREFAS <i>Tiago da Costa Barros Macedo</i>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>40</b>
A DIMENSÃO DISCURSIVA-ARGUMENTATIVA DAS REPETIÇÕES COMO ESTRATÉGIAS REFERENCIAIS NO GÊNERO REDAÇÃO ESCOLAR: UM OUTRO PENSAR SOBRE O TRABALHO COM TEXTOS <i>Aline Batista Rodrigues</i> <i>Rosinélio Rodrigues da Trindade</i>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>53</b>
A LINGUAGEM ENTRE TUTOR-CURSISTA EM CURSO SEMIPRESENCIAL DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES <i>Alyson Bueno Francisco</i>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
CONVERSAÇÃO NA WEB: UM ESTUDO DOS MARCADORES CONVERSACIONAIS EM USO NO FACEBOOK <i>Elisiane Araújo dos Santos Frazão</i> <i>Eraluce da Silva Lima</i>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>77</b>
ENTRE FRONTEIRAS CULTURAIS: AS ESTRATÉGIAS DA EMPRESA COLONIAL PORTUGUESA E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO HÍBRIDO EM VENENOS DE DEUS, REMÉDIOS DO DIABO, DE MIA COUTO <i>Eliana Pereira de Carvalho</i>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>89</b>
DRÁCULA DE BRAM STOKER: O PROTAGONISTA IMORTAL <i>Iliane Tecchio</i> <i>Tairine Maia Silva</i>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>98</b>
UMA SÃO LUÍS DE EXCLUSÕES: UM OLHAR SOBRE OS MARGINALIZADOS NO ROMANCE VENCIDOS E DEGENERADOS <i>Paloma Veras Pereira</i> <i>José Dino Costa Cavalcante</i>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>113</b>
“NESTES MOMENTOS LÚGUBRES DE ONTEM”: LITERATURA E HISTÓRIA NAS PÁGINAS DE GUIMARÃES ROSA E NAS DE ERIC HOBSBAWM <i>Everton Luís Teixeira</i>	

<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>124</b>
DESTINO DE MULHER EM CLARICE LISPECTOR E ALCIENE RIBEIRO	
<i>Natália Tano Portela</i>	
<i>Rauer Ribeiro Rodrigues</i>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>134</b>
ENTRE CASCAVÉIS E JAGUNÇOS: AS RELAÇÕES DE PODER ESTABELECIDAS NO PERÍODO EMANCIPATÓRIO DA CIDADE DE CASCAVEL – PR	
<i>Dhyovana Guerra</i>	
<i>Thaluan Rafael Debarba Baumbach</i>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>144</b>
EFEITOS DE MEMÓRIA DISCURSIVA NAS MANIFESTAÇÕES SOCIAIS DE 28 DE ABRIL DE 2017: ANÁLISE DE IMAGENS DISPONÍVEIS NA INTERNET	
<i>Anísio Batista Pereira</i>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>159</b>
DITADURA NA ARGENTINA: A RECONSTRUÇÃO DO PASSADO POR UMA PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA	
<i>Guilherme Griesang</i>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>167</b>
A LITERATURA E O CINEMA: UMA PROPOSTA DE DIÁLOGO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	
<i>Pamela Tais Clein</i>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>178</b>
OS PONTOS DE CULTURA E A PROMOÇÃO DO EMPODERAMENTO: LEITURA E PRODUÇÃO LITERÁRIA COMO ALAVANCAS DE PROTAGONISMO SOCIAL	
<i>Marília Crispi de Moraes</i>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>196</b>
OS DETETIVES DE PAPEL E OS DETETIVES EM CARNE E OSSO: A LINGUAGEM NEOBARROCA EM OS DETETIVES SELVAGENS E E NO MEIO DO MUNDO PROSTITUTO SÓ AMORES GUARDEI AO MEU CHARUTO	
<i>Ezequias da Silva Santos</i>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>208</b>
NARRATIVAS DE VIDA EM CENA:	
UM ESTUDO SEMIOCÊNICO DAS IDENTIDADES DE PERSONAGENS-ATRIZES NO TEATRO DOCUMENTÁRIO	
<i>Mariana Pinter Chaves</i>	
<i>Ida Lúcia Machado</i>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>221</b>
ELIZETE LISBOA: A INSERÇÃO DA MULHER COM DEFICIÊNCIA VISUAL ATRAVÉS DA ESCRITA	
<i>Claudia Regina Porto Buzatti</i>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>231</b>



# CAPÍTULO 15

## A LITERATURA E O CINEMA: UMA PROPOSTA DE DIÁLOGO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

**Pamela Tais Clein**

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo apresentar a oficina intitulada “Literatura e cinema” que fez parte das atividades desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Subprojeto de Letras, da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Realeza. A atividade foi realizada com alunos de 3º ano do Ensino Médio de uma escola da rede pública do município de Realeza, que envolveu tanto a literatura, por meio da contextualização e da leitura de fragmentos da obra *Ana Terra*, do escritor Érico Veríssimo, quanto o cinema, uma vez que contemplou a articulação da obra de Veríssimo com o filme *O Tempo e o Vento*, dirigido por Jayme Monjardim. Em razão do tempo para a realização das atividades ser reduzido, a metodologia permeou na leitura conjunta de fragmentos pré-selecionados da obra *Ana Terra*, para que, em casa, os alunos instigados buscassem fazer a leitura integral do livro. Além disso, analisamos na íntegra o filme *O Tempo e o Vento*. Proporcionou-se em rodas de conversa, discussões, interpretações, análises e a construção de conhecimentos. Uma das reflexões relacionou-se à comparação da personagem mulher em *Ana Terra* e *O Tempo e o Vento* no que tange a consciência natural do

tempo, profissão, relação com o vento, superação e a simbologia da mulher riograndense da obra literária e cinematográfica, enfatizando que ambas são importantes estratégias de ensino. Para além da conversa coletiva, os alunos produziram resenhas críticas sobre as atividades desenvolvidas, posteriormente socializadas no mural do colégio.

**PALAVRAS- CHAVE:** Ensino; Literatura; Cinema.

**ABSTRACT:** This paper aims to present the workshop “Literature and cinema” that was part of the activities developed in the Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Subproject of Letters, from Universidade Federal da Fronteira Sul, Realeza campus. The activity was carried out with the 3rd year students of high school from a public school in Realeza, which involved both literature, through the contextualization and reading of fragments of Ana Terra’s work, the writer Érico Veríssimo, and the Cinema, since it contemplated the articulation of Veríssimo’s work with the film Time and the Wind, directed by Jayme Monjardim. Because of the reduced time of carrying out the activities, the methodology permeated just reading pre-selected fragments of Ana Terra’s work, so that, at home, the students may read the whole book. In addition, we analyzed the film Time and the Wind fully. Discussions, interpretations,

analyzes and the construction of knowledge were provided in conversation. One of the reflections was related to the comparison of the female character in *Ana Terra* and *Time and the Wind* in what concerns the natural consciousness of time, profession, relation with the wind, overcoming and the symbology of the woman from Rio Grande do Sul in literary and cinematographic work, emphasizing that both are important strategies to teach. In addition to the collective talk, the students produced critical reviews about the activities developed, later these reviews were socialized on the school wall.

**KEYWORDS:** Teaching; Literature; Cinema.

## 1 | INTRODUÇÃO

Várias obras literárias serviram de inspiração para diretores de cinema adaptarem, como foi o caso de *Ana Terra* do escritor Érico Veríssimo (2004), que teve sua versão fílmica intitulada *O Tempo e o vento* na releitura de Jayme Monjardim (2013). Conforme enfatiza Brito (2016) essa adaptação agradou o público já que “mais de 700 mil pessoas foram ao cinema para ver a obra. Dificilmente todas essas pessoas tiveram acesso ao livro e, no cinema, com certeza, muitos se interessaram, a partir dessa versão, pela obra literária em si” (BRITO, 2016, p. 38).

A obra literária *Ana Terra* (2004) faz parte de um dos capítulos do livro *O Continente*, que compõe a trilogia *O Tempo e o Vento* de Veríssimo. O capítulo nominado *Ana Terra* (2004) foi utilizado nos estudos em uma oficina do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). O texto relata a vida de uma família, os Terra-Cambará, pessoas de poucas posses vindas de Sorocaba/SP para tentar construir uma base sólida por meio do cultivo da terra e da criação de gado na região do Rio Grande do Sul. A literatura segundo Todorov (2011),

[...] goza, como se vê, de um estatuto particularmente privilegiado no seio das atividades semióticas. Ela tem a linguagem ao mesmo tempo ponto de partida e como ponto de chegada; ela lhe fornece tanto sua configuração abstrata quanto sua matéria perceptível, é ao mesmo tempo mediadora e mediatizada. A literatura se revela, portanto, não só como o primeiro campo que se pode estudar a partir da linguagem, mas também como o primeiro cujo conhecimento possa lançar uma nova luz sobre as propriedades da própria linguagem. (TODOROV, [1964-69], 2011, p.54).

A obra fílmica intitulada *O Tempo e o Vento* (2013) na sua particularidade é narrada sob a perspectiva de Bibiana Terra em seu leito de morte, por meio de suas lembranças contadas ao capitão Rodrigo. Bibiana é filha de Pedro Terra, neta de Ana Terra. Essa releitura feita a partir da perspectiva do diretor Jayme Monjardim é enfatizada ao site *Crônico de Cinema* (2013 apud BRITO, 2016), em que o adaptador diz ter encontrado dificuldades na adaptação da obra literária para a versão cinematográfica,

[...] o que a gente fez na verdade foi uma adaptação cinematográfica, com um olhar cinematográfico, e que óbvio tem a minha leitura em cima da obra do Érico. [...] a parte mais difícil do filme fora a produção é você chegar: qual é o modelo? Qual é o roteiro? Como que eu vou contar essa História dentro de um tempo bacana, e que

eu consiga ter uma exibição legal, isso tudo. Por isso que demorou 7 anos entre a aquisição dos direitos do filme até a realização do trabalho foram 7 anos de trabalho. Foram 26 versões até chegar na vigésima sétima que é a versão filmada (Crônico de Cinema 2013 apud BRITO, 2016, p. 40- 41).

É possível observar que as narrativas cinematográficas utilizam-se como alicerce a linguagem imagética, composta por: luzes, ilustrações, sons, discursos verbais, entre outros. Diferentemente o livro apoia-se na narração dos fatos, isso possibilita que detalhes do texto sejam especificados minuciosamente. Segundo Johnson (2003 apud CURADO, 2007, p. 4) “O cinema com todo aparato que dispõe, tem dificuldade em fazer determinadas coisas que a literatura faz, sendo que o inverso também é verdadeiro”.

Ancorado nestas duas formas de linguagem distintas, promoveu-se por meio de uma oficina, o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem ao mesmo tempo em que descontraído, proveitoso, já que o cinema atua como complemento do estudo da literatura e vice-versa. A cinematografia como instrumento de ensino segundo Napolitano (2005), é tido como uma “nova linguagem centenária”, quando define a relação do cinema com a educação, o autor enfatiza que mesmo ela sendo secular, a escola “descobre o cinema” unicamente no fim do século XX,

O filme possui uma estrutura em sua produção que deve ser levada em consideração enquanto ferramenta educacional de importância no sentido de uma construção da cidadania e sua parcela de contribuição pela escola ou universidade (CAMPOS, 2007, p. 7).

Para as atividades com alunos de 3º ano do Ensino Médio de uma escola da cidade de Realeza, optou-se por utilizar essas duas formas de linguagem, conscientes de que “quando um roteiro é adaptado de um livro ou conto literário, ele passa a ser um outro texto, visto que as técnicas de linguagem, embora consistam em algumas similaridades, são representadas por elementos que as distinguem” (FERREIRA, 2006, p. 2- 3). Ressaltamos que nossa abordagem em sala de aula não teve por intuito classificar uma obra superior a outra, mas, observar, refletir e debater sobre a construção de ambas em suas particularidades e especificidades, tendo como objeto norteador das cinco aulas o olhar atento para a personagem mulher nas obras *Ana Terra* (2004) e *O Tempo e o Vento*(2013).

Utilizou-se da literatura na oficina, sendo que ela está presente cotidianamente no ambiente escolar, conforme ressalta Bernardes (2005) “o contato com o texto literário, constitui, para mais uma possibilidade rara de viver, em alteridade, situações valores e experiências que moldaram as comunidades humanas ao longo dos séculos” (BERNARDES, 2005, p. 125). Também associou-se a literatura o trabalho com o cinema, em razão de que “um filme poderia despertar a atenção destes alunos favorecendo sua participação em aula” (CAMPOS, 2007, p. 6). Primou-se por meio destas estratégias o desenvolvimento dos processos educacionais de modo descontraído, sutil e agradável, trazendo os alunos a participarem do processo de formação enquanto sujeitos ativos.

## 2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O cinema “revelou a limitação do olho humano e desvendou segredos dos quais nem ao menos suspeitávamos. Por meio de recursos como o enquadramento, o close-up e a câmara lenta, tornou - se possível lançar um novo olhar sobre os objetos” (DINIZ, 2007, p. 4). E na literatura, pontualmente “no romance, a construção do espaço é baseada principalmente na descrição, às vezes minuciosa, dos objetos, situações, ações, reações ou comparações, de acordo com a visão do narrador” (DINIZ, 2007, p. 14). Logo “podemos considerar que existe uma relação transtextual entre cinema e literatura permitida pela intertextualidade, quando um texto é unido ao outro mediante alusões textuais ou paratextuais” (CAMPOS, 2007, p. 9).

Campos (2007) deixa claro que “no cinema a relação com a literatura é de extrema proximidade pois elementos textuais e ficcionais permitem-nos observar que a linguagem cinematográfica está construída neste contexto” (CAMPOS, 2007, p. 9). Foi ressaltado aos estudantes que embora haja a intertextualidade entre o texto literário e o cinematográfico, cada uma dessas obras emite uma voz particular e específica.

Uma adaptação passa por uma releitura e (re)interpretação subjetiva, variando de sujeito para sujeito, envolvendo seus conhecimento de mundo, concepções, cultura, crenças, ideologias entre outros fatores. Segundo Linda Huchon (2011) “*um processo de criação*, a adaptação sempre envolve tanto uma (re-)interpretação, quanto uma (re-)criação [...] a adaptação é uma forma de intertextualidade” (HUTCHEON, 2011, p. 30-31). Por meio disso, entende-se que “os adaptadores são primeiramente intérpretes, depois criadores” (HUTCHEON, 2011, p. 43).

Segundo Barbosa (2013 apud NICODEM, 2013, p. 43) o “cinema é arte e lhes dá uma ferramenta inicial para ampliar a capacidade crítica de ver cinema em sala de aula”. Além do mais “o uso do cinema nos processos de ensino e aprendizagem pressupõe um professor capaz de refletir sobre sua prática, como também capaz de agir intencionalmente” Sampaio e Araujo (2003 apud NICODEM, 2013, p. 43). As ferramentas de ensino-aprendizagem, literatura e cinema, contemplaram tanto os alunos quanto os pibidianos, professores em formação.

Salienta-se também que o cinema adaptado de uma obra literária vem “contribuir para o trabalho árduo da leitura de obras produzidas em outras épocas, que entram as mídias cinematográficas como estratégias de ensino” (NICODEM, 2013, p. 27), logo “a arte deriva de outra arte; as histórias nascem de outras histórias” (HUTCHEON, 2011, p. 2). Possibilitou-se por meio das ações, que os alunos tivessem acesso a conteúdos diversos, para além dos escritos também os imagéticos.

Entende-se que as abordagens educacionais priorizaram e ainda priorizam a linguagem verbal e o texto escrito, no entanto acredita-se que os estímulos visuais também contribuem significativamente para o processo de ensino-aprendizagem. Segundo Pellegrini (2003),

A cultura contemporânea é sobretudo visual. Vídeo games, videoclipes, cinema, telenovela, propaganda e histórias em quadrinhos são técnicas de comunicação e de transmissão de cultura cuja força retórica reside sobretudo na imagem e secundariamente no texto escrito, que funciona mais como um complemento, muitas vezes até desnecessário, tal o impacto de significação dos recursos imagéticos (PELLEGRINI, 2003, p. 15).

Para Saviani (1997) as comunicações em massa não devem ser inexploradas pela escola, uma vez que agem significativamente na vivência dos seres humanos. O cinema é uma destas comunicações de “massa”, em vista disso primamos por proporcionar para além da apreciação, concomitantemente a reflexão, debate crítico e produtivo do que se observou. Nesta oficina somaram-se trocas de experiências e percepções distintas a fim de promover nos participantes aprendizagens profundas e significativas.

Em vista da necessidade de se pensar e promover momentos para a formação do leitor/ouvinte “o uso da cinematografia pode servir como estratégia para o ensino, mas não para substituição da obra literária. A formação do leitor ainda é inexoravelmente necessária para a contemporaneidade, como o foi em tempos passados” (NICODEM, 2013, p. 105). Nas ações da oficina tornou-se o uso da cinematografia uma atividade didática que atuou junto da literatura como “alternativa de reflexão de questões sociais, estéticas, ideológicas e práticas, entre outras” (NICODEM, 2013, p. 133). Por meio das atividades os valores, saberes individuais e coletivos permitiram-se ser coletivizados, possibilitando que todos aprendessem com esse processo, alunos de 3º ano e bolsistas do PIBID.

Todas as ações estiveram envoltas na figura representativa da mulher em *Ana Terra* (2004) e *O Tempo e o Vento* (2013) com ênfase: na consciência natural do tempo, profissão, relação com o vento, superação e a simbologia da mulher riograndense de ambas as obras. Na sequência explanaremos os recursos metodológicos utilizados para as atividades da oficina aqui relatadas.

### 3 | METODOLOGIA

Objetivou-se em uma manhã promover entre Pibidianos e os 34 alunos do 3ª ano do Ensino Médio uma contextualização sobre o autor, obra e personagens da narrativa literária e fílmica. Em seguida, possibilitou-se a leitura conjunta de fragmentos do livro de Érico Veríssimo, pré-selecionados pelos pibidianos. Seguidamente viabilizou-se momentos para debate e trocas mútuas de conhecimentos sobre o texto lido. Pretendeu-se com a leitura de fragmentos, incentivar que em casa os alunos instigados fizessem a leitura completa do texto.

Na sequência, contemplou-se por completo a obra fílmica *O Tempo e o Vento*, dirigido por Jayme Monjardim (2013) proporcionando aos participantes da oficina atentar-se para uma visão panorâmica destas duas obras relevantes. A partir disso, em rodas de conversa, debatemos, interpretamos, analisamos, construímos

e ressignificamos conceitos por meio da troca de conhecimentos coletivos sobre a importância e a presença valorosa da mulher rio-grandense nestas obras.

As reflexões atravessaram a construção da personagem mulher em *Ana Terra* (2004) e *O Tempo e o Vento* (2013), compreendendo sobretudo, que ambas as obras são importantes estratégias de ensino-aprendizagem. Para finalizar as atividades, os alunos produziram resenhas críticas que abarcou tudo o que foi estudado, refletido, debatido e construído ao longo da oficina. As produções posteriormente foram socializadas nos murais do colégio.

#### 4 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

A literatura é “realizada por meio da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana mediada pela linguagem” (NICODEM, 2013, p. 97). Para Campos (2007) “a literatura pode ser concebida como um corpo circunscrito de textos escritos apresentando imaginação, pertencente a uma dada língua, nação e período de tempo” (CAMPOS, 2007, p. 7).

Por vezes o cinema “o audiovisual (cinema, vídeo, TV...), a imagem do nosso tempo, é ele a premissa estratégica da educação hoje; a realidade social e psicológica dos sujeitos está impregnada pelo consumo da comunicação audiovisual” (NICODEM, 2013, p. 46). Ou seja, a literatura associada ao cinema são ferramentas educacionais relevantes a serem abordadas no ambiente escolar contemporâneo. Segundo a pesquisa de Nicodem (2013),

[...] No decorrer de aproximadamente 20 anos de atuação, não raras vezes as turmas de ensino médio serviram de laboratório de ensino e prática em experiências, na maioria dos casos, bem sucedidas com o uso de mídias cinematográficas, especialmente das traduções intersemióticas de obras literárias, como estratégias de ensino de literatura (NICODEM, 2013, p. 19).

As percepções subjetivas que os participantes nascidos na era globalizada estabelecem entre a literatura e o cinema, são relações que permitem usufruir da percepção visual, imagética e sonora dotada de inúmeras significações. Observou-se entre muitas coisas, que o livro *Ana terra* (2004) apresenta-se com saltos temporais, talvez a intenção de Monjardim na adaptação para *O Tempo e O vento* (2013) foi colocar a história na perspectiva da personagem Bibiana para tornar a releitura mais compreensível ao espectador, já que a transposição foi feita após 50 anos da existência da obra literária, já que “cada leitor cria imagens mentais sobre a obra que lê, e, na maioria das vezes, o que vê na tela são imagens cunhadas segundo a interpretação de outro leitor, sendo essas [...] fantasia de outra pessoa” (McFARLANE, 1996, p. 7).

Por um lado, em ambas as obras foi possível observar a protagonista Ana Terra como uma personagem corajosa, forte e determinada, passando adiante a história de

sua época. Por outro lado, retratou-se também a condição feminina desprivilegiada que busca ao longo do tempo a libertação de preconceitos atribuído ao gênero. A escritora Linda Hutcheon (1991) descreve o modelo social da época, no qual “as mulheres eram consideradas como parte da propriedade acumulada por seus maridos; negava-se-lhes a cidadania, e tinham os mesmos direitos dos lunáticos e dos deficientes mentais” (HUTCHEON, 1991, p. 91). Dentre as analogias atribuídas ao nome Ana Terra, Chaves (1981) ressalta “eu penso nela como uma espécie de sinônimo de mãe, ventre, terra, raiz, verticalidade (em oposição à horizontalidade nômade dos homens), permanência, paciência, espera, perseverança, coragem moral” (CHAVES, 1981, p. 76).

Em análise a personagem mulher da obra literária, notou-se que a personagem principal é: branca, não há referência às roupas que usava, usava xale e lenço na cabeça, era submissa ao pai e ao irmão, tinha vergonha de seus desejos por Pedro Missioneiro, entre outros. Enquanto que na obra cinematográfica a protagonista apresenta-se: morena, usando roupas com decotes e cores fortes, utilizava o xale em cima dos ombros, não demonstrava tanta submissão ao pai e irmãos, era mais segura de si e não tinha vergonha de seus desejos por Pedro Missioneiro, entre outros.

Esses pequenos detalhes foram observados e pontuados pelos PIBIDIANOS conjuntamente com os alunos do Ensino Médio, já que os bolsistas haviam previamente lido a obra literária na íntegra e os alunos apenas fragmentos. Ressaltamos que embora a personagem principal seja distinta na literatura e no cinema, nestes e em outros pequenos aspectos, isso não torna-a melhor ou pior em nenhuma das abordagens, em vista de que a transposição passou por uma leitura, interpretação e recriação de algo novo a partir de um outro já existente.

No que concerne a consciência natural do tempo, enfatiza-se que ele é determinado pelas estações, assim como os dias nascem e terminam pelo desaparecer do sol. O fato de não haverem calendários na época, fez com que as referências aos anos fossem imprecisas. Isto posto, entende-se que o tempo se relacionava diretamente à natureza. De acordo com Veríssimo (2010) no ambiente de vivência da moça “ninguém sabia ler e, mesmo naquele fim de mundo não existia calendário nem relógio” (VERÍSSIMO, 2010, p. 102). Além disso, em “O Tempo e o Vento o autor faz da formação do Rio Grande do Sul um drama que transcende naturalmente a história, superando a ordem cronológica do tempo e a ordem física do espaço” (MONTENEGRO, 1963, p. 269).

No que tange a profissão, evidenciou-se nas narrativas que Ana Terra adotou da mãe o ofício de parteira, mãe, filha, dona de casa e outros. A protagonista trouxe a neta ao mundo quando usou a velha tesoura de cortar cordão umbilical, foi “no inverno de 1806 Ana ajudou a trazer para o mundo seu segundo neto, uma menina que recebeu o nome de Bibiana. Ao ver-lhe o sexo, a avó resmungou: ‘Mais uma escrava’. E atirou a tesoura em cima da mesa num gesto de raiva e ao mesmo tempo alegria” (VERÍSSIMO, 1982, p. 186).

Brito (2016) enfatiza que na obra de Veríssimo (2004) Ana Terra é retratada como a figura que rompe com os padrões vigentes em sua época, pois “a trajetória de

Ana Terra ratifica a ideologia de elementos dominantes que circundam a sociedade patriarcal, onde as mulheres eram submetidas à conformidade de sua “sina” (servir e procriar)” (BRITO, 2016, p. 241), é por esse fato que essa personagem tornou-se um referencial de mulher, defendendo com garra sua identidade feminina, quando rompe com os padrões e ideologias da época.

A respeito da relação com o vento apreendeu-se que às coisas importantes da vida de Ana Terra aconteciam quando ventava “noite de vento, noite dos mortos” (VERÍSSIMO, 1994, p. 189). O vento representa para além do demarcador de acontecimentos a intuição feminina. A memória e o vento formaram um par indissociável na narrativa, ao passo que um e outro se relacionam aos fatos marcantes na vida da protagonista e na memória do passado, assim observamos,

Uma tarde, à hora da sesta, Ana Terra tornou a sentir aquela agonia de outras tardes e noites. Era uma sensação que não saberia descrever a ninguém. Seria fome? ... Havia acabado de almoçar, estava de estômago cheio; logo não podia ser fome. Tinha a sensação de que lhe faltava alguma coisa no corpo, como se lhe houvessem cortado um pedaço do ser. Era ao mesmo tempo uma falta de ar, uma impaciência misturada com a impressão de alguma coisa – que ela não sabia bem claramente o que era – ia acontecer, alguma coisa tinha de acontecer (VERÍSSIMO, 2010, p. 133).

A superação da mulher nas distintas formas de linguagem cativam o leitor/ouvinte por apresentar a garra e a resistência de Ana Terra, que embora tenha sido criada em uma família patriarcal, lutou fortemente e sobreviveu em meio à morte dos pais e irmãos, inclusive do índio (Pedro Missioneiro) pai de seu filho (Pedrinho), também suportou o estupro dos invasores castelhanos na luta pelas terras.

O personagem masculino é marcante dentro da narrativa como o chefe de família da época, na hierarquização dos gêneros “D. Henriqueta respeitava o marido, nunca ousava contrariá-lo” (VERÍSSIMO, 1994, p. 109). Ana Terra quebrou paradigmas quando atuou na luta contra os castelhanos junto dos homens da família “Chamava-se Ana Terra. Tinha herdado do pai o gênio de mula” (VERÍSSIMO, 2010, p. 162). Este foi um dos momentos que as reflexões e debates mais se acaloraram, a mulher Ana Terra assim como muitas outras feministas foram guerreiras que lutaram fortemente para a quebra de paradigmas de uma sociedade, sobretudo machista.

A mulher Rio-grandense como símbolo foi reconhecida nos debates, a moça que vivia em uma fazenda distante de tudo, enfrentava com garra as dificuldades em meio às disputas territoriais. Tanto na narrativa literária como na fílmica os acontecimentos marcantes permearam a representante dos Terra-Cambará “em toda a obra de Veríssimo, a tensão entre os dois pólos do espírito ibérico: a alma heróica e a alma lírica; a alma contemplativa e a alma ativa; a alma masculina e a alma feminina” (ATAÍDE, 1972, p. 92).

Fagundes (2013) ressalta a diferença latente entre Érico Veríssimo e os outros escritores que abordaram em seus textos a mulher gaúcha,

Diferente de outras obras da literatura de referência que retratam o cotidiano e modo



de vida do gaúcho, essa personagem de Érico Veríssimo, *Ana Terra*, contraria a lógica da época. A título de exemplo podemos citar: *Facundo: Civilização e Barbárie na pampa Argentina* do autor Domingo Sarmiento 1996. Nestas obras as mulheres aparecem como meros objetos e sequer tem nome, são chamadas de china, geralmente são roubadas por um desses gaúchos e levados a cavalo na ‘garupa’ sem voz alguma no enredo (FAGUNDES, 2013, p.19, Grifos do autor).

Constatamos que a literatura e o cinema na oficina atingiram seu objetivo maior, a de serem abordadas “no sentido educativo, como um instrumento didático, ilustrando conteúdos [...] estimulando o debate; ou como um objeto de conhecimento, na medida em que é uma forma de reconstrução da realidade” (CIPOLINI e MORAES, 2009, p. 268). Napolitano (2003) deixa claro que:

Obviamente o professor não precisa ser crítico profissional de cinema para trabalhar com filmes na sala de aula. Mas o conhecimento de alguns elementos de linguagem cinematográfica vai acrescentar qualidade ao trabalho. Boa parte dos valores e das mensagens transmitidas pelos filmes a que assistimos se efetiva não tanto pela história contada em si, e sim pela forma de contá-la. Existem elementos sutis e subliminares que transmitem ideologias e valores tanto quanto a trama e os diálogos explícitos (NAPOLITANO, 2003, p. 57).

Nós pibidianos intervimos na oficina e atuamos enquanto mediadores da leitura literária e fílmica, bem como, intermediamos os debates com vistas para o contexto de produção, conteúdo, forma e elementos constitutivos destes textos que embora distintos se complementam no processo educativo. Conforme Arendt (2002) mediamos os conhecimentos acumulados e também impulsionamos na construção de novos conhecimentos, na perspectiva de que o professor não deve optar por abordagens que se limitem à ilustração de conteúdos de modo fragmentado, mas que possibilite a promoção de saberes vastos e plurais.

Englobando as construções subjetivas e coletivas proporcionadas na oficina do PIBID, os alunos produziram resenhas críticas, nas quais foi possível evidenciar que os estudantes estiveram atentos a todos os detalhes, as construções e o saberes engendrados durante as aulas, uma vez que as produções deram-se de modo condizente à proposta. Com intuito de socializar e consolidar as aprendizagens os textos foram expostos nos murais do colégio possibilitando que outros alunos tivessem acesso a essas produções.

Prevaleceu o intuito de que as atividades fossem para além das experiências rotineiras, tencionou-se para que os alunos sentissem-se ambicionados pela leitura completa de *Ana Terra* de Veríssimo (2004) e ademais disso, inspirados, lessem a trilogia por completo. O contato com os variados textos para além do lazer e fruição influenciam positivamente na formação crítica do cidadão, já que o assíduo leitor/ouvinte compreende o que lê/ouve e assim está apto a fazer pontes e relações entre os diversos textos, linguagens, discursos e ideologias.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho objetivou-se relatar uma das atividades desenvolvidas e vivenciadas pelos bolsistas do Subprojeto Letras, PIBID. Utilizou-se como recursos metodológicos e ferramentas de ensino a literatura e o cinema, ambos contribuíram para o processo de aquisição, desenvolvimento e ressignificação dos conhecimentos.

O que prevaleceu durante as ações foi olhar para a personagem protagonista abordadas em ambas obras, observando como o escritor e o adaptador trouxe-a e apresentou ao leitor e ao ouvinte. Para aprendizagens significativas entende-se que o professor, na escola, deva-se valer das variadas estratégias de ensino, aquela que chame a atenção e traga o aluno para dentro do processo de formação cultural e social.

Este trabalho possibilitou que compreendêssemos na práxis a relação entre a literatura e o cinema na escola, sendo que ambas complementam-se na atuação pedagógica para que as aulas não se tornem monótonas e sem sentido, na ânsia pela educação emancipadora e formadora de cidadãos aptos a atuarem na sociedade.

## REFERÊNCIAS

ARENDRT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

ATAÍDE, T. **O Contador de Histórias**. São Paulo: Globo, 1972.

BERNARDES, J, A. A literatura no ensino secundário: excessos, expiações e caminhos novos. In:\_\_\_\_\_. **O português nas escolas – ensaios sobre a língua e a literatura no ensino secundário**. DIONÍSIO, Maria de Lourdes e CASTRO, Rui Vieira de (Orgs). Coimbra: Almedina, 2005.

BRITO, M, E. Usos Midiáticos do Corpo em o Tempo e o Vento: O Caso Ana Terra. **Programa de Pós-Graduação em Letras: Mestrado**, 2016. Disponível em: <<http://tede.unicentro.br:8080/jspui/handle/tede/97>> Acesso em: 21 de jul. 2017.

CAMPOS, F. **Roteiro de cinema e televisão: a arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CHAVES, F. L. Érico Veríssimo: Realismo & Sociedade. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

CIPOLINI, A. MORAES, A, C. Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto – um estudo sobre a utilização do cinema na educação. **Tese de Mestrado**, 2009. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/239>> Acesso em: 21 de jul. 2017.

CURADO, M, E. **Literatura e cinema: adaptação, tradução, diálogo, correspondência ou transformação?** *Temporis[ação]*, Goiás, v. 1, nº 9, Jan/Dez 2007.

DINIZ, L, M. O Processo de Interdiscursividade entre as Artes: Literatura e Cinema. **Revista Eletrônica de Estudos Literários**. Vitória, a. 3, n. 3, 2007.

FAGUNDES, L, A. O Tempo e o Vento: Ana Terra & a cultura material.

**Trabalho de Conclusão de Curso**(graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e comunicação. Curso de Museologia. Porto Alegre, 2013.

FERREIRA, A, M, M. O cinema escolar na história da educação brasileira: a sua ressignificação através da análise do discurso. 2006. **Dissertação** (Mestrado em Educação, Artes e História da Cultura), Orient. Zilda Clarice Rosa Martins Nunes. Programa de Pós Graduação em Educação, Artes e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.

HUTCHEON, L. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

\_\_\_\_\_. **Poética do Pós-Modernismo**. trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

McFARLANE, B. **Novel to film: Introduction to the Theory of Adaptation**. Oxford: Clarendon, 1996.

MONJARDIM, J. **O tempo e o vento**. Edição colecionador. Paris Filmes, 2013.

MONTENEGRO, O. **O Romance Brasileiro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

NICODEM, M, F, M. A Obra Literária vai ao Cinema: um Estudo da Prática Docente em Literatura Brasileira. **Tese** (Doutorado) – Universidade Estadual de Maringá, 2013.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

PELLEGRINI, T. Narrativa verbal e narrativa visual: possíveis aproximações. In: \_\_\_\_\_. **Literatura, cinema e televisão**. PELLEGRINI, T. et al. São Paulo: Senac, 2003. p. 15-35.

SAVIANI, D. **Brasil: Educação Para a Elite e Exclusão Para a Maioria**. Comunicação e Educação. No. 8. São Paulo: CCA/ECA/USP, Moderna, 1997.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, [1964-1969], 2011.

VERÍSSIMO, É. Ana terra. In \_\_\_\_\_. **O Tempo e o Vento**. O Continente. Companhia das Letras. 3ª ed. 8ª reimpressão, 2004.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-85107-13-0

